

**PROVA ORAL – LEITURA EXPRESSIVA**

**Ensino Secundário**

**Excerto 3**

**FERREIRA DE CASTRO**

**EMIGRANTES**

**ROMANCE**

**15.ª EDIÇÃO**

**GUIMARÃES EDITORES**

**Segunda parte – Capítulo VI - pág. 271**

Na garagem, Manuel da Bouça apreçou – «O quê? Trinta escudos é mais caro do que no Brasil» – e instalou-se.

O carro partiu, dando a volta ao largo da Cadeia e enfiando, de escape livre, para Cidacos, com a agência do Nunes e as caras barbudas dos presos fixas nos olhos de Manuel da Bouça, apesar de lóbrigadas de relance. Desvaneceram-se, porém, ante a visão da La Salette, em cuja rampa verdejavam árvores novas.

Surgiu, em seguida, a mata do Covo, já com largos períodos de calvície, e, na curva margeada de oliveiras, o palácio dos senhores condes, por detrás do qual a sereia da indústria cantava numa fábrica de vidros.

- Devagar! Mais devagar! – pediu ao motorista, debruçando-se e recostando-se de novo, para nada perder do que se oferecia à sua saúde.

Avassalava-o a sofreguidão de tudo contemplar e, à medida que o carro avançava, ia evocando a ele próprio, naquela tarde, naquela manhã, naquele domingo de feira, perpassando na estrada, ao lado de pinheiros, sobreiros e carvalhedos, antes de partir para o Brasil.

Na descida de Vermoim, uma galinha saltou, espavorida, de sob as rodas do carro e logo, ante a casaria amiga, ele quis sorver mais lentamente ainda a volúpia de tornar a vê-la:

– Vá devagarinho... Devagarinho... – pediu, de novo, ao motorista.

Profunda vibração nervosa exaltava-o, humedecia-lhe os olhos comovidos, levava-o a chorar de alegria. «Vermoim! Vermoim! Ainda estaria lá em baixo o chafariz? E os campos? Os campos! Tão bonitos!»

Sentia ímpetos de abraçar os vultos campesinos que se recortavam nos quinteiros, na estrada e entre os milharais – os vultos humanos e até o jumento que pastava, mansarrão, pachorrento, à margem da via.

O chafariz lá estava ainda.

-Mais devagar! Mais devagar, senhor!

Lá estava o chafariz, velho de muitos anos, gretado e roído na sua parede de meia lua, mas com o fio de água a cantar como outrora e a sua grinalda de heras eternamente verdes.

... Manuel da Bouça, o coração a palpitar cada vez mais fortemente, tremia como na noite em que perguntara a Amélia se podiam pôr os banhos.